

AS ESCRITAS DE SI E ESCRITAS SOBRE O OUTRO: CAROLINA MARIA DE JESUS E AS DIVERSAS POSSIBILIDADES DE LEITURAS

WRITINGS ABOUT ONESELF AND WRITINGS ABOUT OTHERS: CAROLINA
MARIA DE JESUS AND THE VARIOUS POSSIBILITIES OF READING

Alessandra Correa de Souza¹

Resumo: Neste trabalho escolhemos discutir as teorias e as práticas das escritas do eu e de gêneros como: autobiografias, autoficções e outros relatos baseados em memórias individuais e coletivas. Geralmente, nós, pesquisadores sentimos dificuldades em relacionar os textos teóricos com as vidas e as obras das autoras e os seus respectivos textos literários, a partir desse lugar de *rizomas* e *rastros residuos*. Como metodologia discursiva, o presente artigo tem como eixo um leque de teóricos que versam sobre as escritas de si. Primeiramente são problematizadas as suas contribuições, autocríticas e até mesmo papéis de raça, gênero e classe frente ao texto *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus, posteriormente como guisa discursiva entre teoria e prática discorreremos na seção *Carolina: escritora, personagem de ficção e as diversas possibilidades de leitura* - a potência discursiva e o protagonismo de grupos que historicamente foram representados como minorizados na literatura canônica da América Latina.

Palavras-chave: Literaturas Afro-latino-americanas; Memórias; Escrevivências; Carolina Maria de Jesus; Escrita de si.

Abstract: In this work we chose to discuss the theories and practices of writings of the self and genders such as: autobiographies, autofictions and other reports based on individual and collective memoirs. Generally, we, researchers, feel in relating the theoretical texts with the lives and works of the authors and their respective literary texts, from this place of rhizomes and residual traces. As a discursive methodology, this article has as its axis a range of theories that

¹ Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Brasil, com bolsa sanduíche PDSE/CAPES na Universidad Nacional Mayor de San Marcos - Peru. Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4691-8592>. E-mail: professoralessandra@academico.ufs.br

deal with self-writing. Firstly, her contributions, self-criticism and even roles of race, gender and class are problematized in relation to the text *Quarto de Despejo* by Carolina Maria de Jesus, later as a discursive guise between theory and practice, we discuss in the section Carolina: writer, fictional character and the various possibilities reading - the discursive power and protagonism of groups that have historically been represented as minorized in the canonical literature of Latin America.

Keywords: Afro-Latin American Literatures; Memoirs; Writings; Carolina Maria de Jesus; Writing of

1. INTRODUÇÃO

O escritor pode apenas imitar um gesto sempre anterior, jamais original, seu único poder está em mesclar as escrituras. O texto é um tecido de citações oriundas dos mil focos da cultura.

Barthes

A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social.

Bakhtin

Em primeiro lugar, a heterogeneidade constitutiva dos gêneros, sua estabilidade apenas relativa, o fato de não existirem formas “puras”, mas constantes misturas e hibridizações, em que a tradição se equipara à abertura, à mudança e à novidade. Arfuch

Neste artigo temos como eixo estruturador desenvolver um diálogo entre a teoria e a prática para estabelecer uma melhor compreensão dos gêneros literários: autobiografias, diários, memórias, autoetnografia, autoficção e outros. Assim como os conceitos de escrevivência, de Conceição Evaristo; e lugar de fala, de Djamilia Ribeiro cooperam para as possibilidades de leituras dos

textos carolinianos, como também para unificar a teoria e a prática das escritas de si e do outro.

Quanto as três epígrafes escolhidas de Arfuch, Bakhtin e Barthes, elas são fundamentais para os encaminhamentos entre os textos *Quarto de Despejo e Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus que são pluridiversos.

Com o intuito de mapear estudiosos que debruçam suas pesquisas sobre a temática das escritas de si e escritas sobre o outro, como Versiani (2015), Arfuch (2010), Dosse (2015), Lejeune (2014), Bakhtin (2003), Figueiredo (2013), Evaristo (2009; 2013; 2016a; 2016b), Côrtes (2016), Ribeiro (2017) e outros, oportunizamos suas contribuições ao nosso texto.

Para Daniela Versiani (2015) é necessário desfazer as fronteiras entre “as escritas de si” e as “escritas sobre o outro”. As autobiografias, os diários, as memórias, os testemunhos, as biografias e as etnografias estabelecem relações interacionais e não são campos discursivos separados. Citemos: “as identidades de um ‘eu’ e de um ‘outro’ não se constituem isoladamente, mas tão somente em interação: o eu-se escreve-e-revela- à medida que descreve-e-revela- o outro.” (VERSIANI, 2015, p.1.)

Versiani (2015, p.86-7) traz o conceito de autoetnografia, que é bem produtivo para a disputa de como devemos “etiquetar” determinados textos literários. O conceito autoetnografia é uma alternativa conceitual útil ao pesquisador da cultura preocupado em superar, ao aproximar-se de discursos de construção do eu, uma série de dicotomias que têm sido, até há pouco, predominantes na reflexão teórica dedicada tanto às autobiografias quanto às etnografias, já que convida a pensar as dicotomias self alter , indivíduo/coletividade, sujeito produtor de conhecimento/objeto ou subjetividade pesquisado/a como termos em continuidade, e não mais em oposição.

Daniela Versiani destaca que, a partir dessa perspectiva, o conceito de autoetnografia poderia servir como pressuposto teórico para a elaboração de estratégias de leitura, por exemplo, de coletâneas, obras coletivas ou coleções de textos autobiográficos reunidos sob uma identidade coletiva.

A presença do prefixo auto, do grego autós, serviria de “lembrete” a impedir a tendência à supressão das diferenças intragrupos, enfatizando as singularidades de cada sujeito-autor, enquanto o termo etno localizaria, parcial e pontualmente, esses mesmos sujeitos em um determinado grupo cultural. Assim, poderíamos pensar em autoetnografias como espaços comunicativos e discursivos através dos quais ocorre o “encontro de subjetividades” em diálogo.

De certa forma, também poderia ser empregado na leitura de cartas, e-mails, obras escritas em forma dialógica, coautorias, etc. Versiani (2015) ressalta que o conceito autoetnografia também parece produtivo em estratégias de leitura de discursos de construção de eus mais “tradicionais”, tais como autobiografias e memórias, que enfatizam os processos de reflexão do sujeito (auto) sobre sua própria inserção social, histórica, identitária em uma diferente coletividade (etno) ou coletividades.

Nesses casos, o conceito de autoetnografia permite que o subjetivo e o coletivo não sejam mais percebidos como noções opostas, mas em continuidade esta que vai se estabelecendo através da identificação parcial e pontual do sujeito com “identidades” por ele percebidas como coletivas.

Tomamos de empréstimo a argumentação da teórica de maneira integral para iluminar o nosso percurso de comparação entre o seu discurso e de teóricos que compõem esta seção, visto que sua análise sobre o termo autoetnografia é de extrema importância para os textos literários de Carolina Maria de Jesus.

Ela ressalta que o coletivo e o subjetivo não são opostos. Pelo contrário, cria um neologismo necessário ao nosso ponto de vista argumentativo. Não

podemos analisar os textos literários atuais com teorias do passado e de um outro contexto cultural que não nos atendem como sujeitos diversos.

Já, Arfuch (2010) problematiza Lejeune(2014) quanto ao conceito *espaço biográfico* e pelas leituras feitas, vemos que a teórica argentina questiona o mesmo Versiani(2015). Se a primeira cria um neologismo para atender as nossas subjetividades e identidades contemporâneas, a segunda propõe relações sem hierarquias e afirma que autores eurocêntricos e do passado, representados como universais, não atendem ao momento e à heterogeneidade atual. Citemos: (...) a biografia/testemunho de Victor Hugo, a autobiografia “falada” de Sartre, diversos relatos de vida etc.) não configuram um horizonte interpretativo capaz de dar conta da ênfase bibliográfica que caracteriza o momento atual. (ARFUCH, 2010, p.58.)

Com o mesmo ponto de vista, Francis Dosse (2015) e Mikhail Bakhtin (2003) contribuem em nossa perspectiva de relações entre os gêneros ao afirmarem que entre biografia e autobiografia não há fronteiras. A saber: Entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida (BAKHTIN, 2003, p.139.)

Dosse (2015) destaca a importância do gênero biográfico, que antigamente era considerado menor e que hoje tem sido um tema importante para escritores, historiadores e pesquisadores em ciências humanas. Para esse autor: A biografia, gênero híbrido, se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo a regra da mimesis e o polo imaginativo do biógrafo. (DOSSE, 2015, p.55.)

Em uma outra perspectiva, Phillipe Lejeune (2014) afirma que não há relações entre os gêneros biografia e autobiografia, romance e autobiografia. Ele define autobiografia como: narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa

real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade. (p.16)

Ao passo que Lejeune (2014) se diferencia dos teóricos até aqui destacados ao estabelecer que não há relações entre biografia e autobiografia, se contradiz ao apresentar os gêneros vizinhos da autobiografia: memórias, biografia, romance pessoal, poema autobiográfico, diário, autorretrato ou ensaio. Entendemos que, para o teórico francês, o pacto inicial começa quando o personagem não tem nome na narrativa e o autor e o narrador são idênticos, como podemos vislumbrar na obra *Diário de Bitita*(1986).

Ele também se posiciona a partir da perspectiva do leitor para definir autobiografia. Cabe citá-lo, pois cremos que sua proposição é válida quanto ao texto literário citado: A identidade se define a partir de três termos: autor, narrador e personagem. Narrador e personagem são as figuras às quais remetem, no texto, o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. O autor, representado na margem do texto por seu nome, é então o referente ao qual remete, por força do pacto autobiográfico, o sujeito da enunciação. (LEJEUNE, 2014, p.42.)

Lejeune utiliza as teorias de Gérard Genette para classificar a identidade entre narrador e personagem principal como narrador autodiegético, mas também afirma que é possível haver obras literárias escritas na terceira pessoa verbal, como também na segunda pessoa verbal, e cada uma delas provoca efeitos diferentes. Interessante destacar que Lejeune é o único teórico escolhido nesta seção que diferencia biografia e autobiografia, e não iremos nos aprofundar nas diferenças estabelecidas por tal estudioso, mas sim destacar algo que achamos de extrema relevância para este diálogo.

Em “O pacto autobiográfico (bis)”, Lejeune(2014) faz uma autorreflexão sobre suas publicações anteriores; isso, sim, achamos produtivo e dialoga diretamente com a vida e a obra de Carolina Maria de Jesus.

Voltemos a Lejeune, que revisita seu texto inicial “O pacto autobiográfico” e faz um caminho de autoanálise, sobretudo a partir das críticas feitas a seu primeiro texto. Citemos: Autobiografia (...) obra literária, romance, poema, tratado filosófico etc., cujo autor tem a intenção, secreta ou confessa, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de expressar seus sentimentos. A autobiografia abre um grande espaço à fantasia e quem a escreve não é absolutamente obrigado a ser exato quanto aos fatos, como nas memórias, ou a dizer toda a verdade, como nas confissões. (LEJEUNE, 2014, pp.62-3.)

Na mesma linha discursiva, modaliza as terminologias “contrato” e “pacto”, que podem oferecer alguns perigos e suscitar mal-entendidos por parte da crítica. O teórico francês coloca-se na posição de leitor para definir autobiografia. Tanto que afirma que “é preciso admitir que podem coexistir leituras diferentes do mesmo texto, interpretações diferentes do mesmo ‘contrato’ proposto. O público não é homogêneo.” (LEJEUNE, 2014, p.67.)

Com essas contribuições vemos que o próprio crítico, ao construir suas autoanálises como pesquisador, se coloca também como um estudioso aberto às críticas e capaz de usá-las para nosso crescimento profissional e acadêmico. Na mesma perspectiva, Figueiredo (2013) destaca que, a partir da década de 1980, há um crescimento como também bastante diversificação nas escritas de si. Ressalta o surgimento do termo “autoficção”, que contribuiu para trazer mais dificuldade em identificar e analisar alguns textos literários. Enfatiza que os romances mais atuais trazem em seu enredo uma carga de escritas de si.

Após a leitura da estudiosa, depreendemos que os textos literários *Becos da Memória* (2013) e *Ponciá Vicencio* (2003), de Conceição Evaristo, cumprem esse novo paradigma da autoficção, ou seja, possuem elementos biográficos presentes no paratexto ou no próprio texto.

Em relação a este último, a própria autora em uma entrevista diz que a pessoa que a estava entrevistando errou seu nome e a chamou de Ponciá

Vicencio. Interessante destacar que Figueiredo, em “A morte do autor” historiciza as contribuições de Barthes e Foucault em um outro subcapítulo, intitulado “As escritas (auto)biográficas: a volta do autor”. Figueiredo enfatiza - “a preocupação de distinguir o sujeito empírico daquele que fala de si nos relatos autobiográficos, na perspectiva da narratologia.” (FIGUEIREDO, 2013, p.24).

Na pintura, o autorretrato é um correspondente da escrita autobiográfica, como “As meninas”, de Velásquez, um exemplo de metalinguagem, onde o pintor se projeta no quadro. Em um novo subcapítulo, Figueiredo traz as contribuições de Phillippe Lejeune (2014) sobre o pacto autobiográfico e faz uma espécie de resumo das ideias gerais do teórico francês; o que cremos que seja profícuo, é que o próprio Lejeune, na edição que trabalhamos, se contradiz e aceita as críticas dos teóricos para repensar algumas pontuações inflamadas que podem gerar ambiguidades.

Se, à luz dos teóricos os conceitos de autobiografia, autoetnografia, autoficção, espaço biográfico já foram delimitados, trazemos à baila o gênero “diário”, que deve ser destacado antes mesmo do saber etimológico do mesmo. Tomamos o título do livro brasileiro publicado em 1986: *Diário de Bitita*. Por mais que tenha o nome “diário”, o texto não é um diário, pelo menos não o observamos como tal. Justificamos o uso do termo, a partir da tradução do francês ao português, pois “tratava-se originalmente de um adjetivo (diurnalis) que queria dizer *quotidien* (quotidiano)” (LEJEUNE, 2014, p.300).

Após a análise dos manuscritos originais de Carolina Maria de Jesus no Instituto Moreira Sales, reiteramos que há diversos gêneros em um único livro; a editora recortou e organizou as histórias diversas contadas pela menina Bitita em capítulos, que são bem semelhantes a um romance autobiográfico, autoetnografia, autoficção, memórias e outros.

O texto de Diário de Bitita(1986) de Carolina Maria de Jesus é tão rico que o podemos encaixá-lo em diversos argumentos aqui representados. Pois bem, diário é obra ou gênero literário cuja narrativa é feita através de um conjunto de registros mais ou menos diários, geralmente de caráter íntimo.

Segundo Figueiredo (2013, p.29), trata-se, em princípio, de textos manuscritos, em cadernos ou cadernetas. Pode-se usar também agendas ou ainda escrever em folhas soltas. No subcapítulo “Diários de escritoras”, Figueiredo traz o seu posicionamento frente ao texto Quarto de Despejo que refutamos, pois é a partir desse discurso que a teórica apresenta o texto literário de Carolina Maria de Jesus como mediado por Audálio Dantas.

Observemos:

No século XX, um diário de uma mulher negra e pobre teve enorme repercussão no Brasil, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* [1960], de Carolina Maria de Jesus, **obra bastante marginal**, que poderia ser classificada como literatura testemunho, **escrita com a mediação do jornalista Audálio Dantas**. (FIGUEIREDO, 2013, p. 37, grifos nossos).

Eurídice Figueiredo (2013) ao classificar Carolina Maria de Jesus como uma mulher negra e favelada, não a marginaliza, pois destaca o seu lugar de fala; no entanto, a professora utiliza o discurso hegemônico de que a escrita não é o seu lugar, ao delimitar que a obra é **bastante marginal** e que **foi mediada por Audálio Dantas**.

Na mesma proposição omite que o livro teve diversas edições, foi traduzido em mais de 30 idiomas. Refutamos categoricamente a assertiva de Figueiredo, a partir de dados sobre Carolina Maria de Jesus de nosso acervo de pesquisa, a escrita não foi mediada; esse termo desautoriza a escrita de Carolina Maria de Jesus. É um argumento racista e classista da estudiosa em destaque.

A nossa hipótese é que, a partir da teoria do ponto de vista feminista, é possível falar de lugar de fala. Ao reivindicar os diferentes pontos de análises e

a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica (...) não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringe oportunidades.

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como forma de refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (Cf. Ribeiro, 2017, pp.59-61;64.)

Para contribuir à problematização dos termos racistas e classistas construídos por Euridíce Figueiredo(2013), o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2016a; 2016b), assim como o lugar de fala, de Djamila Ribeiro (2017) e a contribuição de Dalcagastnè (2008, p.97), vale a pena citar - “Carolina Maria de Jesus constrói, enfim, uma narrativa repleta de significados e de ambiguidades, onde a protagonista é, antes de tudo, mulher, trabalhadora, mãe e escritora. A miséria não apaga nada disso.”

Para os estudiosos Munanga e Gomes (2016) - a obra Quarto de Despejo, escrita por uma moradora de favela, negra, semianalfabeta, causou um grande impacto nos meios acadêmicos. Carolina Maria de Jesus jamais poderia imaginar o poder explosivo que estava contido em seus diários. *Quarto de Despejo* alcançou sucesso inesperado e impressionante. Sua primeira edição, de 10 mil exemplares, esgotou em menos de uma semana. O livro foi traduzido para cerca de trinta idiomas, merecendo sucessivas reedições com tiragens superiores a 100 mil unidades. A obra foi adaptada para teatro, rádio, televisão e cinema, sempre com grande sucesso. Carolina Maria de Jesus também publicou outras: *Diário de Bitita, Casa de Alvenaria, Crônicas, Pedacos da Fome* e outros. (MUNANGA E GOMES, 2016, p.202.)

O termo *escrevivência*, alcunhado por Conceição Evaristo, é de suma relevância para o entendimento de que por mais que haja diversos gêneros literários, as escritas de si de Carolina Maria de Jesus não podem ser reduzidas a etiquetas singulares. Para, Cristiane Côrtes, a palavra (escre)vivência é um neologismo que, por uma questão morfológica, facilmente compreendemos do que se trata. A ideia de juntar escrita e experiência de vida está em vários textos ligados à literatura contemporânea. Entretanto, Evaristo se apropria do termo para elucidar o seu fazer poético. (CÔRTEES, 2016, p.52.)

Já Borkosky (2013), diferentemente dos autores citados, afirma que autobiografias, cartas, memórias, relatos de viagens são representados como autodiscursos e são construídos desde a Antiguidade. Toda escrita está condicionada por um marco histórico, geográfico e ideológico que a determina como produto cultural de um momento determinado. (BORKOSKY 2013, p.13;17)

Eurídice Figueiredo (2013) define autobiografia e memórias: “a primeira consiste na reconstituição e narração da vida daquele que escreve, enquanto as memórias são mais abrangentes e recriam todo o mundo social.” (FIGUEIREDO, 2013, p.48).

Concordamos com a teórica brasileira específica que na teoria é fácil diferenciar a autobiografia das memórias, no entanto, na prática, sobretudo nos textos literários atuais, a linha de divisão é tênue e em alguns autores, como Conceição Evaristo, é bem difícil identificar tal diferença. Daí retomamos a argumentação de Versiani (2015) que iniciamos o debate: todas as escritas de si e escritas do outro estão entrelaçadas e propõem uma nova terminologia.

Na mesma corrente, tomamos as contribuições de Elizabeth Jelin (2002) sobre as memórias e as histórias no plural. Se analisamos as versões das histórias oficiais e não oficiais começamos a enxergar como tem sido o processo de construção de memórias individuais e coletivas em diversas épocas na

América Latina e como tem funcionado esse resgate de ouvir ou estabelecer a escrita de todos sem que haja hierarquias, e sim diversidade. Cabe citar:

(...) a memória tem um papel altamente significativo, como mecanismo cultural para fortalecer o sentido de pertencimento a grupos ou comunidades. Frequentemente no caso de grupos oprimidos, silenciados e discriminados, a referência a um passado comum permite construir sentimentos de autovalorização e maior confiança em si mesmo e no grupo. (JELIN, 2002, p.9-10).

Com essa citação, finalizamos a introdução teórica sobre os discursos do eu e do outro para depreender como Carolina Maria de Jesus é de suma importância ao debate desses novos textos literários, como também para reflexão sobre os papéis sociais do racismo estrutural e estruturante em ainda fomentar estudos de textos literários em muitos casos eurocêntricos e escritos por homens brancos do sudeste ou estrangeiros nos ementários de diversas universidades no Brasil.

1 - CAROLINA: ESCRITORA, PERSONAGEM DE FICÇÃO E AS DIVERSAS POSSIBILIDADES DE LEITURAS

A literatura não é produzida em suspensão, não se trata de algo em suspensão no ar. Ela provém de um lugar, há um lugar incontornável de emissão da obra literária. Glissant

O corpo negro se constitui e se redefine na experiência da diáspora e na transmigração, por exemplo, da senzala para o quilombo, do campo para a cidade, do nordeste para o sudeste e vice-versa.

Beatriz Nascimento

Ao estudar as histórias das Américas, identificamos o diverso proposto por Glissant (2005) e constatamos que a raiz única destacada em verso e prosa por muitos pesquisadores ainda se atrela aos pares dicotômicos, como colonizador/colonizado, ou branco/negro. cremos, no entanto, que essas antíteses não nos levarão a novas utopias, tampouco às mudanças significativas no contexto sociopolítico das Américas. Devemos pensar nossas riquezas culturais como um rastro/resíduo. Os rastros/resíduos trazidos pelos negros às Américas pelo tráfico negreiro, foram se transformando em identidades culturais para reafirmar as pluralidades que lhes foram roubadas nas travessias entre os oceanos.

Podemos identificar esses traços na música, na dança, na religião e em tantas outras maneiras de revalorização da herança africana. Glissant nos ajuda a repensar os rastros/ resíduos trazidos desde que o primeiro negro pisou em solo americano. Já no navio negreiro por imposição dos escravagistas da época, colocaram os “seres humanos” encaixotados e amarrados, onde os “alimentavam” e ali mesmo faziam suas necessidades básicas.

Os que não suportavam o “bom” atendimento a bordo eram jogados ao mar e, para completar, colocavam homens e mulheres de etnias diferentes bem próximos, para dificultar a comunicação, para evitar conflitos na travessia e as uniões entre os escravizados para futuras rebeliões no novo continente.

O elemento linguístico e as rivalidades de alguns grupos étnicos favoreceram aos traficantes em certa medida; contudo, as “relações”, assim como a “crioulização, são imprevisíveis, já que o ser é a relação com o outro, não é raiz única, somos raízes indo ao encontro de outras raízes”. (GLISSANT, 2000, p.18)

Carolina Maria de Jesus é exemplo dessa imprevisibilidade dos novos contextos atuais. A autora tenta buscar o diverso e as outras raízes em seus discursos de denúncia e utiliza a escrita como elo de (res)significação nas obras

Quarto de despejo – diário de uma favelada [(1960)1995], Diário de Bitita (1986) e em outras obras.

Para Joel Rufino dos Santos, Carolina Maria de Jesus não teve lugar reconhecido na história de nossa literatura, até hoje. O autor enfatiza, que por meio de Jesus, em Quarto de despejo [(1960)1995;2000], podemos avistar melhor os acontecimentos, ou série de acontecimentos, tão distantes entre si, o populismo, a origem das favelas, o racismo, o golpe de 64, o êxodo rural, etc. Carolina foi o que os dicionários chamam de grafomaníaca: pessoa com tendência compulsiva, doentia, a fazer registros gráficos, rabiscos e, especialmente, escrever em qualquer superfície ou material imediatamente acessível (SANTOS, 2009, pp.22-5).

Diário de Bitita (1986) não teve a mesma projeção que Quarto de despejo – diário de uma favelada [(1960)1995;2000]; aquele teve apenas duas edições em português, foi publicado em 1982, em francês, pelas jornalistas que recolheram os cadernos manuscritos de Carolina Maria de Jesus quando a entrevistaram em 1975.

Considerando que a criouliização é imprevisível, podemos vislumbrar a maneira como Carolina Maria de Jesus, em Quarto de despejo – diário de uma favelada e Diário de Bitita abraça as poucas oportunidades que lhes são dispensadas como bússolas, sobretudo de denúncia ao sistema, pois, se a escrita foi imposta pelo discurso do poder na época das “descobertas” do Novo Mundo, nada mais significativo que hoje sirva para trazer à baila as memórias de si e sobretudo ir ao encontro dos rizomas e de outras raízes.

As memórias, as histórias e as trajetórias não nos encerram como vencidos, pois do rastro/resíduo que se construiu dessa África negada aos nossos antepassados, em contato com as raízes diversas. se constrói a criouliização – o mundo se criouliiza. (GLISSANT, 2000, p.17)

Utilizemos a metáfora do mar mediterrâneo como mar aberto, mar de trânsito, de passagens e encontros e de circularidade para (re)pensar muitas questões que não podem ser elucidadas sem que olhemos para os indivíduos fora da lógica da razão indolente (SANTOS, 2009), sem que procuremos as narrativas que muitos desconhecem por ficarem ocultas ou ocultadas nas brumas do cotidiano. Apesar de “esquecidas”, porque não são registradas em livros, histórias brotam, nascem-morrem todos os dias. Histórias jazem nas memórias dos sujeitos à espera de quem as registre, de quem as decifre.

Desse modo, buscamos balizar nossa argumentação nos diálogos e nas interseções sobre a personagem e autora Carolina Maria de Jesus no passado e no presente. A experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que a tradição política e filosófica ocidental conhece e valoriza (Santos, 2009, p.30).

O pensamento desse autor nos fez refletir a respeito das racionalidades outrora (in)visibilizadas pela razão indolente. Há, neste momento, um desperdício da experiência social em função daquilo que o autor chama de um modelo de racionalidade que funciona no/com o apagamento de outras racionalidades possíveis.

O que há de comum entre a personagem Carolina e a autora Carolina Maria de Jesus? Quais são os interditos e os não ditos dessa narradora e personagem? Cremos que, para essa mulher, a razão indolente não seria um impedimento para a desconstrução do discurso hegemônico, a fim de (res)significar os espaços demarcados e supostamente destinados à mulher negra.

A experiência social que Carolina Maria de Jesus partilha tece outras redes para a desconstrução do discurso do “poder” que, segundo Marilena Chauí (1982), unifica classes, é neutro, histórico e atemporal. Essa suposta unificação

é hierarquizada, assimétrica, desigual; funciona como um véu que invisibiliza a diversidade.

Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. (JESUS,1995, p.9).

Já que a questão racial está presente em nossa sociedade ora como tema de análise, ora como objeto de preocupação, nos propomos a refletir sobre a apropriação do passado, não para conhecê-lo “como ele foi de fato”, mas para sabê-lo como uma possível ameaça ao presente.

Numa perspectiva social, há sentido e significação nessas práticas, cujo significado se realiza através de um conjunto de fatores sociais. Não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas concernentes à vida. (BAKHTIN E VOLOSHINOV, 1981, p.95.)

É necessário discutir o que outrora fora compreendido, pela razão ocidental, como fragmentação. Seria possível observar, sob outras perspectivas, sujeitos como as personagens citadas e suas experiências sociais e racionalidades como um terceiro discurso (OLIVEIRA E ALVES, 2006), cujo enredo não necessariamente seria o reverso ou a rejeição do pensamento hegemônico. Terceiro discurso seria o que foge aos padrões e aos significados das práticas racistas.

De acordo com Santos (2009, p.46), Carolina não trilhou os caminhos de ascensão costumeira dos negros no país da democracia racial: futebol, música, burocracia. Naturalmente houve antes dela muitos negros escritores – que vão dos conhecidíssimos Cruz e Souza e Lima Barreto, às menos conhecidas Auta de

Souza (1876-1901) e Maria Firmina (1825-1917). Houve mesmo uma imprensa negra na São Paulo que se industrializava, mas muito poucos ganharam a vida com letras.

Para Andrade (2012), Carolina de Jesus foi assunto em publicações nacionais e internacionais, com reportagens nas revistas: Life, Paris Match, Epoca, Réalité e New York Times. Seu livro foi traduzido para cerca de treze idiomas (holandês, alemão, francês, inglês, checo, italiano, japonês, castelhano, dinamarquês, húngaro, polonês, sueco e romeno), com sucessivas reedições, circulando em quarenta países.

A tiragem inicial do livro, que seria de três mil exemplares, foi de trinta mil, esgotando-se em três dias somente na cidade de São Paulo. Assim, iniciou-se o “périplo” de sonho concretizado pela favelada: viajou ao Uruguai, à Argentina e ao Chile; foi entrevistada por jornalistas brasileiros e estrangeiros; reuniu-se com prefeitos e governadores; foi convidada para festas de ricos e famosos. Com esses três dias de vendas, o livro superou todas as expectativas dos editores e passou a ocupar o primeiro lugar nas seções literárias dos jornais.

Na lista dos mais vendidos na época passou a figurar Carolina Maria de Jesus em primeiro lugar, seguida de Bertrand Russel (2º lugar), Marechal Montgomery (3º lugar), Graham Greene (4º lugar) e Jean Paul Sartre (5º lugar). Para problematizar e exemplificar melhor a relação entre as personagens, trazemos trechos de duas obras de Carolina Maria de Jesus, que auxiliam o entendimento das diversas personagens escritas por essa autora. Citemos:

Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. (JESUS, 1995, p. 17).

Trabalhamos quatro anos na fazenda. Depois o fazendeiro, nos expulsou de suas terras (...) Por que é que nós não podíamos ter terras para plantar. (Jesus, 1986, pp.135-7.)

“Se alguns seres, ao nascer, se veem destinados a obedecer; outros, a mandar” (ARISTÓTELES, 2006, p.22), é preciso questionar os mecanismos que mantêm alguns grupos presos a um estereótipo. O pensamento de Aristóteles ratifica a nossa compreensão a respeito da perpetuação de padrões do discurso hegemônico. Há outros discursos a serem proferidos, ouvidos e aceitos tão válidos ou autorizados, porque narram táticas que deflagram movimentos outros, não hegemônicos, que pressupõem uma estética e uma ética diferenciadas ou a reversão de uma hegemonia.

Carolina, em seu livro Quarto de despejo, descreve sua insatisfação política, sobretudo sua experiência de residir em uma favela. Narra seu descontentamento em relação às pessoas do lugar onde mora. É na escrita que essa mulher se liberta do ambiente que rejeita, no qual não se reconhece. A favela é o quarto de despejo da cidade. Para a autora, essa condição a encerrava em um caos do qual transcendia em seus sonhos de dias melhores em uma casa de alvenaria – outra forma de atingir a condição de cidadã que lhe fora negada, pois o centro da favela também é a margem.

Ou seja, “a ideia de centro e de periferia não tem base geográfica nem científica, é apenas e tão somente definida pelo poder de que desfrutam os grupos que habitam uns ou outros espaços.” (OLIVEIRA, 2008, p.29.) Nesses espaços, pulsam práticas e outras narrativas que não se restringem à lamentação social, do sentimento de despertencimento, da perda, conforme os estudos de Certeau (1994), que ensinam a perceber os pormenores – no cotidiano há mil formas de fazer e de romper o discurso do poder. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível (...) o desgosto que tenho é residir em favela. (JESUS, 1995, p.19.)

Carolina é uma leitora apaixonada, autodidata, lê o mundo com os óculos da teoria que não foi ensinada nos poucos anos de experiência escolar. Teoria

da vida, da subversão dos discursos, da autonomia de quem se apropria do discurso hegemônico para criticar/questionar aqueles que parecem ter sido engolidos pela fome do óbvio quando rotulados como subalternizados.

Os textos literários *Quarto de Despejo* e *Diário e Bitita* podem ser lidos como literatura de testemunho, diário, memórias autobiografia, entre outros; por exemplo, tomando o discurso de Phillipe Lejeune (2014, p.18): “para que haja autobiografia (e numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem.”. Para enriquecer a discussão sobre os gêneros a que *Quarto de Despejo* e *Diário de Bitita* pertencem, além das contribuições de Lejeune, utilizamos termos como autoficção, autobiografia, como propostos por Eurídice Figueiredo (2013) e alguns outros autores que discutem a temática.

A primeira interpretação de *Diário de Bitita* (1986) é que Carolina Maria de Jesus se apropriou das memórias individuais e recortou fatos do passado para expressar a violência e a exclusão sofridas da infância à fase adulta. A escrita funciona como uma catarse e também como ato simbólico de redefinição de seus papéis sociais como escritoras, mulheres e cidadãs politizadas.

Nesta obra, a narradora autodiegética recria personagens da infância, moradores e familiares do interior de Minas Gerais, resgata a maneira como aprendeu a ler, sobretudo o papel da leitura no decorrer de sua vida, representa a utopia de uma jovem que almejava alçar novos voos na capital econômica do Brasil.

Traz críticas sociais, questionamentos sobre racismo, sexismo e gênero, por intermédio do discurso narrativo em que coincidem autora, narradora e personagem. Já a narradora autodiegética, Os elos que unem os enredos das obras são a tomada de consciência política e a reivindicação das personagens, orquestradas por narradoras que utilizam a primeira pessoa verbal tanto em *Quarto de Despejo* como em *Diário de Bitita*.

Em pesquisas sobre Carolina Maria de Jesus observamos que o livro Diário de Bitita partiu de memórias da infância da autora. Ela utilizava cadernos manuscritos para registrar suas recordações e os entregou para duas jornalistas, em 1970.

A autora faleceu sete anos após a entrega dos cadernos às jornalistas francesas e infelizmente não teve acesso ao projeto final de seu livro. Na verdade, o título manuscrito feito pela autora – Um Brasil para Brasileiros – foi modificado pelas jornalistas para publicação francesa. O título inicial era *ser pobre* é: “será que vamos ter um governo que prepara um Brasil para os brasileiros?”.

A questão expõe uma das críticas emblemáticas da narradora sobre a construção ideológica do colonialismo quanto a se valorizar mais os estrangeiros europeus em detrimento da população brasileira, sobretudo a mão de obra explorada que contribuiu para a construção do país, os negros raptados e trazidos de seu continente para serem escravizados nas fazendas de açúcar, algodão e café.

Jesus é lembrada pela crítica, sobretudo por sua obra Quarto de despejo – diário de uma favelada [2000;1995(1960)]. Contudo, cabe ressaltar que, desde o início deste artigo até o presente momento, novas teses, dissertações, artigos científicos estão sendo publicados sobre as demais obras literárias da autora, resgatando sua importância para a literatura brasileira.

Carolina Maria de Jesus sonhava em publicar seus livros para sair do quarto de despejo e projetava uma vida feliz na casa de alvenaria; sua meta pessoal era ser poetisa. Acreditamos que, se tivesse vivido hoje e recebido críticas bem fundamentadas sobre seu acervo literário, teria tido uma vida mais harmoniosa.

Como se diz na sabedoria popular, “os poetas são imortais”; assim é a Bitita do passado, presente e futuro. Para a estudiosa Guimaraes Lopes (2000),

Diário de Bitita não possui uma estrutura de diário por apresentar uma divisão em capítulos e por não ter uma ordem cronológica. “As jornalistas Clelia Pisa e Maryvonne Lapoupe, juntamente com a editora Anne Marie Métaille, doaram cópias da edição de dois cadernos de Carolina Maria de Jesus – que nos anos de 1970, a escritora havia deixado com elas. Esses cadernos contêm anotações do trabalho de tradução realizado por Régine Valbert e estabelecido por Métaille, que deram origem ao Journal de Bitita, publicado em 1982, ocasião em que recebeu diversos prêmios.

As duas versões publicadas no Brasil são resultado da tradução dessa versão francesa do livro, publicado primeiramente na França. Ainda assim, está baseada em recordações, associações de imagens e ideias e com um estilo mais próximo ao de um romance. Infelizmente, a autora brasileira faleceu em 1977, mas nos deixou textos literários, como romances, contos, letras de música, memórias, diários que vêm sendo descobertos por essa nova safra de pesquisadores, como Germana Henriques Pereira Sousa, Eliane da Conceição Silva, Mario Augusto Medeiros da Silva, entre outros.

ENCAMINHAMENTOS FINAIS

Como possibilidades finais de jornada discursiva, afirmamos o que foi proposto em nossa introdução teórica juntamente com a seção sobre Carolina Maria de Jesus, sobretudo, o nosso papel como pesquisadora orgânica foi bem discutido, trouxemos os lugares sociais do heterocispatriarcado como um *locus social* que ainda ocupa centralidade nos estudos de gênero e nas escritas de si.

Na mesma perspectiva, destacamos que as escritas de Carolina Maria de Jesus são plurais e as teorias precisam ser repensadas não apenas no lugar de “etiquetas” como bem pontuamos. Outro ponto a ser destacado é que as teorias

eurocênticas não conseguem dar conta de nossas diversidades na América Latina, em especial em nosso país.

E não menos importante, destacar que o colonialismo e a hierarquização imposta pela modernidade capitalista desde a invasão do continente africano e das Américas, ainda se faz presente, quando se pode exemplificar no texto teórico sobre as escritas de si - uma assertiva racista e classista da professora da Universidade Federal Fluminense, Eurídice Figueiredo(2013) que classificou *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus como um texto **bastante marginal** e que **foi mediada por Audálio Dantas**. Por fim, esperamos ter conseguido alinhar as teorias das escritas de si e do outro e a vida e a obras de Carolina: *escritora, personagem de ficção e as diversas possibilidades de leituras*.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Leticia P. Crítica literária versus Quarto de despejo. 2012. Disponível em:

<http://ebookbrowse.net/critica-literaria-versus-quarto-de-despejo-pdf-d422123202>. Acesso em: 22 de setembro de 2013.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, 2010.

ARISTÓTELES. A política. Tradução de: Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Introdução e tradução de: Paulo Bezerra (russo). Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. Lê discours dans le vie et le discours dans la poésie –Contribución à une poétique sociologique. In : TODOROV, T. Mikhail

Bakhtine, le principe dialogique. Tradução (port) de : C. A. Faraco e C. Tezza (mimeo). Paris: Seuil, 1981, pp.181-216.

BARTHES, Roland. O rumor da língua ; prefácio Leyla Perrone-Moisés : tradução Mario Laranjeira : revisão de tradução Andréa Stabel M. da Silva. – 2. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BORKOSKY, Mercedes. Autodiscurso en la literatura francesa de los siglos XIX y XX Autobiografías, Cartas y Viajes. Argentina: Facultad de Filosofía y Letras – Universidad Nacional de Tucumán, 2005, pp.7-90.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. Consciência em debate. Coordenadora Vera Lúcia Bedito. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1982.

CORTÊS, Cristiane. Diálogos sobre escrevivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima. CÔRTEES, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs.). Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Editora Idea, 2016.

COSER, Stellamaris. “Híbrido, hibridismo e hibridização”. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). Conceitos de literatura e cultura. Rio de Janeiro: Editora da UFF, Editora da UFJF/EdUFF, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina. Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

DOSSE, François. O desafio biográfico: escrever uma vida. Tradução de: Gilson César

Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DUARTE, Constância Lima. “Marcas da violência no corpo literário feminino”. In: DUARTE, Constância Lima, CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Editora Idea, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Belo Horizonte. *SCRIPTA*. 2º semestre de 2009; 13(25):17-31.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, UFJF, 2012.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção*. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Coleção Vega Universidade, 1988.

GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Tradução de: Manuela Mendonça. Portugal: Porto Editora, 2011.

GLISSANT, Édouard.. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de: Eunice do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000.

GUIMARÃES LOPES, María Angélica. *El discurso de Carolina Maria de Jesus*. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2000.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la Memoria*. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 2002.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. 8. ed. São Paulo: 2000.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo – diário de uma favelada. 5. ed. São Paulo: 1995.

JESUS, Carolina Maria de Casa de alvenaria – diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1992.

JESUS, Carolina Maria de. Diário de Bitita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. Diário de Bitita. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.

LEJEUNE, Philippe; NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). O pacto autobiográfico. De Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. Eu sou Atlântica sobre a trajetória de Beatriz Nascimento. Alex Ratts. São Paulo. Instituto Kuanza, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Inês B. Aprendizagens culturais cotidianas, cidadania e educação. In: OLIVEIRA, Inês B.; SGARBI, Paulo (Orgs.) Redes culturais, diversidade e educação. Rio de Janeiro: DPA, 2002.

OLIVEIRA, Inês B.; SGARBI, Paulo. Centro e periferia. Salto para o Futuro. Rio de Janeiro, 2008, pp.27-31. OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda. A pesquisa e a criação de conhecimentos na pósgraduação em educação no Brasil: conversas com Maria Célia Moraes e Acácia Kuenzer. Educação e Sociedade. Campinas (SP): 2006; 27(95):577-602.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento, Justificando, 2017.

SANTOS, Joel Rufino dos. 1941. Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

VASCONCELLOS, Vania. No Colo das Iabás: Maternidade, Raça e Gênero em Escritoras Afro-Brasileiras. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.

VERSIANI, Daniela. O eu se escreve, o outro me escreve. Red – Revista de Ensaaios Digitais. Rio de Janeiro. Número 1, 2015. ISSN: 2525-3972. Disponível em: Acesso em: 27 de dezembro de 2017.

Recebido em 15/01/2023.

Aceito em 08/09/2023.